

FALAR O MUNDO, LER O MUNDO E REGISTRAR O MUNDO: PRÁTICAS HISTÓRICO-SOCIAIS DISTINTAS QUE SE MATERIALIZAM EM UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

MARIA CRISTINA SIMEONI

Faculdade Estadual de Educação Física e Fisioterapia de Jacarezinho/Paraná/Brasil
Mestranda da Universidade Estadual de Londrina/Paraná/Brasil
mcsimeoni@uol.com.br

RESUMO: O presente artigo apresenta uma proposta metodológica de ensino e aprendizagem centrada no desenvolvimento da linguagem humana – a oralidade, a leitura e a escrita. O enfoque está em sistematizar uma variação para a efetiva transposição didática dos conhecimentos científicos à conhecimentos escolares. Os elementos articuladores apontados pelas Diretrizes Curriculares da Educação Física para o Ensino Médio do Estado do Paraná (Julho/2006) são abordados como eixo vertebrador da presente proposta.

Palavras-chave: Metodologia, Linguagem e Elementos Articuladores

INTRODUÇÃO

Observando-se a ausência de uma metodologia sistematizada e de um trabalho com conteúdos significativos aos cidadãos pertencentes ao Ensino Médio, bem como a postura dos professores, tidos como meros transmissores de conhecimentos, neste artigo apresenta-se uma metodologia centrada em parâmetros histórico-sociais - tendo como passos a oralidade, a leitura e a escrita - num trabalho em que o eixo vertebrador serão os Elementos Articuladores propostos nas Diretrizes Curriculares da Educação Física para o Ensino Médio do Estado do Paraná (DCEFEMPR - Julho/2006).

Os Temas Transversais, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, foram também significativos para o referente trabalho.

A Declaração Mundial sobre a Educação para Todos destaca, em um dos seus artigos, que toda pessoa – criança, adolescente ou adulto – deve poder se beneficiar de uma formação concebida para responder às suas necessidades educativas fundamentais. Essas necessidades compreende tanto os instrumentos de aprendizagem essenciais (leitura, escrita, expressão oral, cálculo, resolução de problemas) como conteúdos educativos (conceitos, atitudes, valores), dos quais o ser humano tem necessidade para viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de sua existência, tomar decisões de forma esclarecida e continuar a aprender (PCN – 5ª a 8ª séries. 1998, p. 17)

Isso significa a conquista da cidadania, para tanto o trabalho com questões urgentes na nossa sociedade neste final de milênio se faz presente na escola. Busca-se desenvolver conteúdos que fazem parte do cotidiano, que possibilitem a compreensão e a crítica da realidade, que ofereça aos alunos a oportunidade de se apropriarem deles como instrumentos para refletirem e mudarem a sua própria vida. Pressupõe-se novas demandas para a educação, em que se destacam esses conteúdos que façam sentido para o momento de vida presente e que ao mesmo tempo favoreçam o aprendizado de que o processo de aprender é permanente. Os Elementos Articuladores apontados pelas DCEFEMPR (Julho-2006, p.28; 31) como a desportivização; a mídia; o corpo; a saúde; o lazer; tática e técnica;

a diversidade e outros diretamente relacionados com a comunidade em que a escola está inserida, devem ser o eixo vertebrador do currículo e que os Conteúdos Estruturantes - esportes, jogos, ginástica, lutas e dança – se articulem por este eixo.

Esta forma de trabalho para a Educação Física do Ensino Médio, invertendo as funções entre os Conteúdos Estruturantes e os Elementos Articuladores, foram inspiradas em Busquets, onde em seu livro sugere que:

Os temas transversais, que constituem o centro das atuais preocupações sociais, devem ser o eixo em torno do qual deve girar a temática das áreas curriculares, que adquirem assim, tanto para o corpo docente como para os alunos, valor de instrumentos necessários para obtenção das finalidades desejadas. (1993. p. 37)

Esta comparação entre os Temas Transversais e os Elementos Articuladores possibilita um formato onde os Conteúdos Estruturantes passam a ter sentido em seu uso nas diferentes situações do dia-a-dia. O saber sistematizado escolar fica vinculado com o saber popular, completando-o e proporcionando um significado científico.

Sendo uma visão diferente na formação do currículo, como consequência aparecem novas estratégias na organização das formas de trabalho preocupando-se com o desenvolvimento do pensar.

DESENVOLVIMENTO

Assim como os Elementos Articuladores propostos nas DCEFEMPR (Julho-2006), bem como os princípios democráticos que lhes dão base são oriundos de atitudes histórico-sociais, apresento uma metodologia materializada a partir de práticas sociais, baseada em três momentos distintos: falar, ler e registrar.

Por **falar o mundo** entendo que é o momento em que o aluno desenvolve a sua oralidade. A troca de informações e a investigação dialógica estão presentes. Para o aluno é o momento de expor seus conhecimentos, experiências e sentimentos em relação a um determinado tema e de relacionar-se com o outro; para o professor, ao participar dessa atividade, terá a oportunidade de conhecer as vivências de seus alunos.

Como professora que passou pelos diferentes níveis e modalidades de ensino, sempre fui inquieta e de certa forma o silêncio me desconfortava. Não me refiro aqui ao silêncio que se contrapõe ao ruído, mas ao silêncio taciturno da não participação, da ausência do diálogo no cotidiano da aula.

No decurso de minha prática pedagógica percebi que se fazia necessário, tanto para o professor, quanto para o aluno, re-aprenderem a falar e ouvir. Transpor a conversa cotidiana para a sala de aula e fazer do diálogo um método de ensino, seria uma saída frente ao silêncio pedagógico ali presente.

Falar e ouvir transformam-se em um momento da metodologia aqui apresentada, para efetivar no processo de ensinar e de aprender, a relação dialógica. É importante destacar que:

a comunicação entre os homens pode ser praticada em várias dimensões, que vão desde a cultura como um todo, até a conversa amena entre duas pessoas. Ela pode ser fonte de riquezas e alegrias. (...) Não há dúvidas de que um dos objetivos fundamentais da educação é fazer com que o aluno consiga participar do universo da comunicação humana, aprendendo por meio da escuta, da leitura, do olhar (...); é fazer com que seja capaz de, por meio da fala (...) emitir suas próprias mensagens. (PCN, 1997, p. 109)

Urge fazer com que o aluno participe deste universo. Falar é uma atividade natural do ser humano e é condição para o aprendizado escolar. Infelizmente a experiência tem testemunhado que a maioria dos alunos tem medo de falar na frente do professor e dos demais membros da classe. Medo de serem ridicularizados ou humilhados perante o grupo. É necessário reverter este quadro, “se o que importa é que o indivíduo fale, ‘porque falando faz a língua’, é necessário que o ensino se interesse pela língua que a criança (ou adulto) possui na comunicação cotidiana, com todas as suas imperfeições e inexatidões, mas que é a base da qual deva partir.” (REIZÁBAL, 1999, p. 25)

A autora, citada acima, aponta pistas para um primeiro passo na caminhada metodológica do falar (e ouvir), uma delas é a própria fala cotidiana do aluno. Deve-se propor, em algum momento da aula, uma atividade com caráter dialógico. Com uma dose de criatividade, este momento poderá ser prazeroso. É oportuno trazer este momento para o planejamento, organizando-o em momento de aula.

Falar o mundo é uma atividade sem muita freqüência de uso na educação escolar, exige por parte do professor uma dedicação mais cuidadosa na elaboração da atividade durante o planejamento da aula. Este momento requer, como outro conteúdo qualquer, as seguintes sistematizações didáticas: elaborar objetivos, conteúdos, metodologias e avaliações.

Desta forma, percebe-se que este trabalho exige um compromisso docente fundamentado no caráter dialógico do ato de falar e ouvir. Para o professor Paulo Freire: “o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.” (2002, p. 96)

É preciso fazer um trabalho de conscientização, de alunos e de professores, para que percebam a necessidade desta relação dialógica entre as ações falar e ouvir. Uma roda de conversa ou uma exposição dialogada é minha opção metodológica de trabalho.

Ler o mundo significa reportar-me à idéia de Paulo Freire (1986) sobre leitura de mundo que antecede a leitura das palavras. O aluno irá conhecer, inundar-se do saber existente e (re)construí-lo de acordo com seu contexto. Aqui o educador deverá apresentar as mais diferentes leituras (do corpo e de outras possibilidades) que auxiliem na produção do saber.

O mundo da vida possui um saber diferente daquele mundo das palavras dos livros. Compreender esse mundo vivido é o primeiro passo para o entendimento real da leitura da palavra.

O ato de ler é um processo de interação entre o sujeito e os objetos que o circundam. Esta ação é definida por Freire como um

processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1986, p. 11)

Percebi o contexto desde que nasci e tive os primeiros contatos com o mundo. Meu corpo, através dos sentidos, têm sua função de leitores de tudo o que me cerca. Pela pele experimento as sensações de calor, frio, dor, prazer. Com os olhos enxergo a vida, os sujeitos e os objetos. O olfato e o paladar lêem o mundo sentindo seu cheiro e seu gosto. Escuto as palavras e vou desvendando o contexto em que estou inserida. Conforme Martins (1993), “a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler”.

Pensar ler o mundo, em uma atividade didática, é resgatar o contexto concreto inserindo-o numa perspectiva teórica que articula a leitura da palavra aos conhecimentos já incorporados. É um processo capaz de instrumentalizar alunos e professor a pensar o mundo vivido para nele se organizar. Neste sentido, o conceito de leitura do mundo se amplia passando a traduzir as relações que o professor e os alunos têm com o mundo do conhecimento das expressões corporais.

Retomando a idéia de Freire (1986, p. 22) de “que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, apresenta-se, em sua maioria, nos trabalhos da aula de Educação Física, as leituras corporais e da palavra no texto. Com método próprio, a leitura corporal mostra o que já foi produzido pela humanidade em termos de esportes, jogos, ginástica, lutas e dança. “Essa é a oportunidade do aluno ter acesso, conhecer, vivenciar e tomar posse do conhecimento que move o mundo e manda no mundo de certa forma”. (OLIVEIRA, 2006)

Um movimento expressado nas idéias de Freire (1986, p.22) oferece uma ligação entre este e o próximo momento desta metodologia, quando alerta que “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.”

Neste terceiro e último momento, aparece a escrita enquanto registro. Retomando as práticas histórico-sociais, o homem registra suas descobertas de diferentes formas, como por exemplo, o desenho, a escrita, a fotografia e a filmagem.

Historicamente, o homem iniciou seus registros através do desenho. Jean (2002, p. 11) na introdução do seu livro, nos lembra que: “vinte mil anos de nossa era, em Lascaux, homens traçam seus primeiros desenhos. Será preciso esperar 17 milênios para que se inicie uma das mais fabulosas facetas da história da humanidade – a escrita”. A escrita é uma das mais antigas “tecnologias” que a humanidade já conheceu.

Assim, chega o momento de registrar todo esse percurso. Documentar o “novo” mundo do conhecimento, (re)descoberto, a partir de tudo que foi “conversado” e “lido” sobre ele.

Registrar o mundo sintetiza e documenta este caminho percorrido. Professor e alunos podem recorrer às mais variadas formas de registro (artísticos, relatórios, paper, pôsteres, jornal, diário de aula, diário de bordo, portfólio, dossiê, artigos e demais trabalhos científicos), enriquecendo a atividade proposta e semeando descobertas.

Para este momento reporta-se, a todo momento, aos passos anteriores: falar o mundo e ler o mundo. Este movimento estabelecido, entre os três passos do processo metodológico aqui proposto, pretende frutificar um trabalho mais humanizado. Essa metodologia tem mostrado que o aluno passa a ser sujeito participante da construção do conhecimento. O professor é então, aquele que utiliza de diferentes instrumentos possíveis para uma intervenção pedagógica adequada e

facilitadora da produção dos alunos. Uma produção que permita ao educando assumir uma postura crítica diante da realidade que vive e que pode reconstruir.

A metodologia aqui proposta baseia-se em uma analogia entre a evolução do homem da pré-história até hoje – da construção da fala, da leitura, da escrita e das diferentes linguagens produzidas tecnologicamente no passar dos tempos – com o desenvolvimento do ser humano desde o nascimento até a fase adulta – que também atravessa o processo de construção da fala, leitura e escrita – sistematizando uma ação didática voltada para as suas práticas sociais.

O ensino não pode ficar alheio a essa nova forma de conceber a ciência – e o mundo – que já está predominando nos dias de hoje. As mudanças a serem feitas na escola devem seguir o mesmo sentido desta nova idéia de ciência, ou ela correrá o risco de preparar os estudantes para um futuro inexistente, proporcionando-lhes uma formação intelectual que não está de acordo com as necessidades da sociedade na qual terão de viver. (Busquets, 1993 p.23)

O papel do educador também está sendo discutido, pois frente a uma mudança metodológica a sua postura deverá ir de encontro ao trabalho realizado. Hoje ele é visto como um orientador no processo ensino e aprendizagem, um mediador entre o conhecimento e o aluno, um educador participativo de um coletivo de pessoas ligadas à educação, e principalmente como coloca Nacarato, Varani e Carvalho um “pesquisador, reflexivo e profissional.” (1998, p. 102)

Como professora em um curso de Educação Física, vivenciando esse universo de trabalho, não posso deixar de citar o estudo de Castellani F° (1996), o qual também inspirou a metodologia proposta neste artigo, onde coloca: “o esforço de profissionais que buscam estudar a Educação Física desenvolvendo metodologias a partir de parâmetros Histórico-Sociais.” Utilizando o termo Cultura Corporal, Castellani F° cita a dança, o jogo, a ginástica e o esporte como “práticas sociais distintas que se materializam através das práticas corporais” (1996). Analisando estes destaques surgiu a idéia de sistematizar uma metodologia que também fosse parte dessa Cultura Corporal e como consequência parte de práticas sociais, da própria natureza humana, tornado-se assim significativa aos sujeitos da aprendizagem.

Considerações finais

A metodologia proposta baseia-se em uma analogia entre a evolução do homem da pré-história até hoje – da construção da fala, da leitura, da escrita e das diferentes linguagens produzidas tecnologicamente no passar dos tempos - com o desenvolvimento do ser desde o nascimento até a fase adulta – que também atravessa o processo de construção da fala, leitura e escrita - sistematizando assim uma metodologia voltada para as suas práticas sociais.

Este trabalho tem mostrado, em situação de sala de aula, que o acadêmico passa a ser sujeito participante da construção do conhecimento. O professor é então, aquele que utiliza diferentes instrumentos possíveis para uma intervenção pedagógica adequada e facilitadora da produção dos acadêmicos. Uma produção que permita ao aluno assumir uma postura crítica diante da realidade que vive e que pode reconstruir.

Para tanto, é necessário que, no processo de ensino e aprendizagem, sejam exploradas: a aprendizagem de metodologias capazes de priorizar a construção de estratégias de verificação e

comprovação de hipótese na construção do conhecimento, a construção de argumentação capaz de controlar os resultados desse processo, o desenvolvimento do espírito crítico capaz de favorecer a criatividade, a compreensão de limites e alcances lógicos das explicações propostas. (PCN, 1997, p. 35)

Concomitante com a metodologia, os Elementos Articuladores propostos nas DCEFEMPR (julho-2006) tornam-se o eixo do processo ensino e aprendizagem, observa-se assuntos diretamente ligados aos sujeitos, é preciso que eles exponham seus sentimentos e conhecimentos em relação aos elementos propostos.

Proponho neste artigo uma sistematização metodológica de qualidade capaz de colaborar para formar cidadãos que interfiram criticamente na realidade para transformá-la.

Sendo assim, apresento uma metodologia que coadune com a prática que permeia nossas atitudes frente a Educação Física no Ensino Médio, voltada para a realidade social comprometida com a cidadania e orientada por princípios democráticos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1ª à 4ª séries. Secretaria do Ensino Fundamental. Brasília, 1997

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 5ª à 8ª séries. Secretaria do Ensino Fundamental. Brasília, 1998

BUSQUETS, Maria Dolores (et al). **Temas transversais em Educação – Bases para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 1997.

CASTELLANI F°, Lino. **Reorganização da trajetória escolar no Ensino Fundamental – Classes de Aceleração - proposta curricular pedagógica**. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 1996.

FREIRE, Paulo Freire. **A importância do ato de ler: em três textos que se completam**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986.

JEAN, Georges. **A escrita: memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São paulo: Brasiliense. 16. ed. 1993.

NACARATO, Adair Mendes (et alli). “O cotidiano do trabalho docente: Palco, Bastidores e Trabalho Invisível...Abrindo as Cortinas.” In: Geraldi, Corinta Maria Grisolia. FIORENTINI, Dario. PEREIRA, Elisabete Monteiro de A .(org.). **Cartografia do Trabalho Docente – professor (a) – pesquisador (a)**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 101.

OLIVEIRA, Claudia Chueire de. Em e-mail enviado para a autora deste texto em junho de 2006.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares para a Educação no Ensino Médio**. SEED. Versão Preliminar. Julho. 2006

REYZÁBAL, Maria Victoria. **A comunicação oral e sua didática**. Bauru: EDUSC, 1999.